

Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

[Público-alvo] Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa sequência didática pode ser adaptada também para o Ensino Médio.

[Duração] 5 a 8 aulas

[Alinhamento à BNCC]

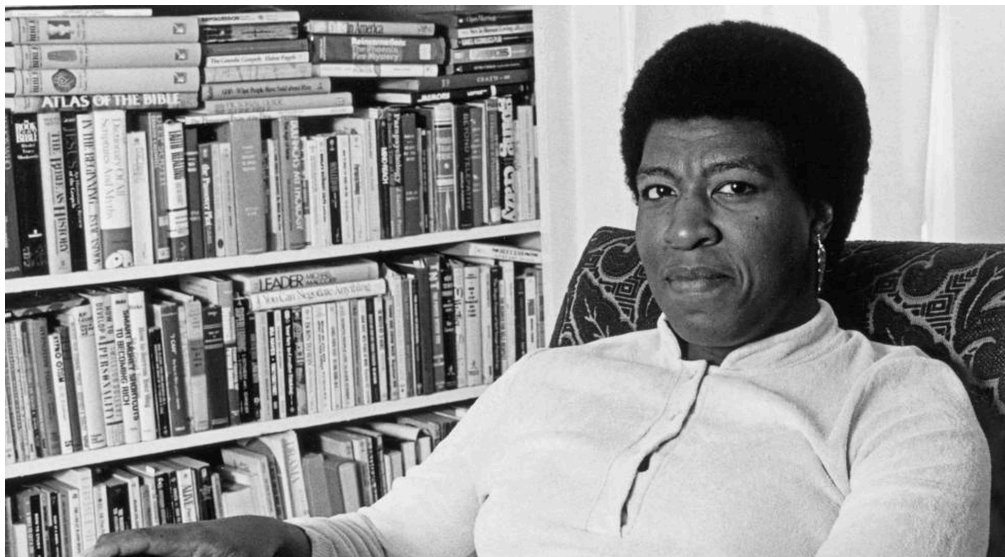
3 Competências

3 Habilidades

Introdução

Nos últimos anos percebemos que os noticiários foram tomados por episódios devastadores de violência escolar. Nós, atuantes na educação, nos vimos num misto de angústia, impotência e despreparo para lidar com situações que até então pareciam distantes da realidade brasileira. Sabemos bem que para resolver questões estruturais como a violência são necessárias ações coletivas e organizadas de longo prazo, mas não é possível que o tema passe despercebido nas salas de aula. Assim, a partir da literatura, propomos aqui um trabalho de sensibilização. Nosso objetivo não é encerrar o debate, ou resolver a violência escolar, até porque não é tão simples. Mas instigar um olhar cuidadoso para o tema, tendo a literatura afrofuturista de Octavia Butler como um disparador.

Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura



Octavia E. Butler, em uma imagem da década de 1980¹

O desejo de criar universos faz parte do espírito que permeia o **afrofuturismo**², tendência que tem ganhado cada vez mais força e que foi fortemente influenciada pela literatura de Butler. Podemos observar esse movimento no conto "*Sons da Fala*" (2019)³. Neste conto, que é um dos que a autora chamou de "contos de verdade", Rye (personagem principal) após uma pandemia misteriosa, perde seu marido e filhos, bem como sua capacidade de ler e escrever, e a liberdade de falar. Nessa pandemia, um provável vírus afeta irreversivelmente a aptidão de comunicar-se através da fala e/ou da escrita e, aqueles que conseguiram conservar mesmo que um resquício dessas habilidades, correm um risco ainda maior que os demais, isso porque ao menor sinal de sociabilidade, aqueles que a perderam por completo são dominados por um sentimento incontrolável de ódio e inveja que os leva a um enfrentamento violento cujo resultado é quase sempre fatal. Sendo assim, para Rye restou o silêncio, mesmo quando ela ainda pode falar.

¹ Imagem disponível no artigo "Octavia E. Butler: a ressurreição da grande dama da ficção científica", publicado no jornal El País. Disponível no link: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-07-25/octavia-e-butler-a-ressurreicao-da-grande-dama-da-ficcao-cientifica.html>

² Segundo o dicionário da Academia Brasileira de Letras, o Afrofuturismo é um movimento cultural, estético e político estabelecido a partir da perspectiva negra, que utiliza elementos da fantasia e da ficção científica para construir narrativas que reconhecem e valorizam a identidade, ancestralidade e história negra. Obras afrofuturistas tendem a retratar um futuro imponente, permeado por tecnologias avançadas e próximo da superação do racismo.

³ Disponível no link: <https://viewer.joomag.com/projeto-c%C3%A1psula-sons-da-fala-octavia-e-butler/0561402001568660208>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

O conto inicia com Rye em meio a uma confusão generalizada em um ônibus e, para se salvar, ela aceita a carona de um desconhecido e viajam juntos em busca da sobrevivência. A descrição aponta para um mundo que parece uma paródia distópica do nosso, em que uma simples viagem para obter suprimentos torna-se uma jornada perigosa.

Outro ponto importante é que só a Rye e duas outras personagens que aparecem no final são nomeadas (ela imagina um nome para o homem que encontra). Nessa realidade criada pela Octavia Butler, a humanidade está desprovida daquilo que a torna única: sua individualidade. Nenhuma instituição funciona e o que impera é a luta pela sobrevivência.

A ausência da linguagem verbal é central para compreender a (des)organização da narrativa e pode mover potentes reflexões em sala de aula. A dificuldade da comunicação enquanto impulsionador da violência, embora em um universo distópico, pode se aproximar, em diferentes aspectos, das angústias presentes no cotidiano escolar. Sobretudo no pós-pandemia, sentimos que o comportamento explosivo, violento, está insistentemente presente na escola. Seja pelo contexto social brasileiro que afeta diretamente nossas(os) estudantes, pelo período de isolamento que mexeu com a socialização, ou pelo afastamento do dia-a-dia escolar, percebemos que crianças e jovens têm sofrido psicologicamente, e a forma de externalizar suas dores se dá raramente pela fala. Esta é uma reflexão complexa, cheia de variáveis e sem soluções imediatas. Assim, um dos caminhos para a abertura de diálogos possíveis pode ser o de promover paralelos entre o mundo distópico de Butler e a realidade pós-pandemia brasileira, possibilitando o olhar para si e para o outro a partir da ficção.

O universo proposto por Octavia Butler tem forte potencial de atrair o interesse dos estudantes: o universo distópico, a trama misteriosa e a narrativa instigante. Por isso, criamos uma sequência didática cujo objetivo é instigar a reflexão sobre o poder da comunicação, violência e sonho, a partir do conto de Octavia e de conceitos como **distopia** e **afrofuturismo**. Assim, visamos incentivar a leitura, a alteridade, o olhar para a subjetividade e a interação entre estudantes e docentes.

Por uma mediação de temas sensíveis...

A literatura nos oferece a oportunidade de conhecer o real por intermédio do imaginário e pode, portanto, se constituir como um espaço seguro para explorar temas difíceis na escola.

Para realizar a mediação de obras que abordam questões sensíveis com sua turma é importante:

- se planejar:

Pensar quem é o público dessa leitura, buscar uma boa apropriação do livro – ou do texto – e das temáticas que ele aborda, além de propor questões que permitam a reflexão, e não apenas uma exploração objetiva da narrativa (quem são os personagens principais, onde a história se passa, etc), fazem parte de um bom planejamento. No caso de as conversas entabuladas com as alunas e alunos tomarem um rumo inesperado ou causarem algum tipo de desconforto (em você, professora(or), ou em alguém de sua turma), retome o diálogo estabelecendo comparações com os elementos presentes na narrativa, ou seja, recorrendo ao universo literário compartilhando no texto que está sendo lido ou discutido.

- cuidar da construção do espaço de leitura:

Não se trata apenas de buscar um espaço físico que permita as(os) estudantes construírem uma relação mais dialógica com a leitura, como por exemplo um pátio aberto ou uma sala onde seja possível sentar em roda, mas também promover uma escuta aberta, tanto para a voz quanto para o corpo que age e reage às interlocuções com o texto. Validar sensações, experiências e percepções individuais sem avaliar as interpretações da turma, estar preparada(o) e aberta(o) para opiniões divergentes e permitir momentos de silêncio – prescindindo da urgência de sempre preenchê-los – são algumas posturas que você pode adotar nas rodas de leitura.

Recursos materiais necessários

Cópias do conto “*Sons da fala*”, de Octavia Butler, disponibilizado pelo [Projeto Cápsula](#)⁴.

⁴ Disponível no link:

<https://viewer.joomag.com/projeto-c%C3%A1psula-sons-da-fala-octavia-e-butler/0561402001568660208>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

BNCC

Competências Específicas de Língua Portuguesa:

Competência específica nº 7

Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

Competência específica nº 8

Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

Competência específica nº 9

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Práticas de linguagem / Objetos do conhecimento:

- **Leitura**

Objetos de conhecimento:

1. Estratégias de leitura;
2. Apreciação e réplica;
3. Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção.

Habilidades:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, *posts em fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Objetivos gerais

1. Conhecer a autora Octavia Butler e os conceitos "**distopia**" e "**afrofuturismo**" presentes em sua obra.
2. Realizar uma leitura coletiva do conto "**Sons da fala**", de Octavia Butler.
3. Refletir, a partir da leitura literária realizada, sobre a violência que vem acometendo o espaço escolar e abrir um diálogo com as(os) estudantes sobre a escola que elas(es) sonham.



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

Roteiro de atividades

1ª Etapa: Octavia Butler: “a grande dama da ficção científica” (1 aula)

Objetivo:

- Apresentar a biografia e obra de Octavia Butler, considerando o contexto em que viveu e as principais características de suas obras.

Atividades:

Em sala, apresente um pouco da trajetória de Octavia Butler. Trazemos aqui algumas informações interessantes:

Conhecida como a Grande Dama da ficção científica, Octavia Butler nasceu em 1947 nos Estados Unidos da América. Filha de uma empregada doméstica e de um engraxate, ela decidiu ser escritora aos 12 anos, após assistir um filme que achou muito ruim e decidir que escreveria uma história melhor. Ao longo da sua carreira, a escritora enfrentou muito preconceito por ser mulher, negra, pobre e, além disso, uma mulher, negra, pobre que escrevia ficção científica.

Mesmo com todos esses desafios, Octavia Butler continuou a produzir, não por talento ou inspiração, segundo ela, mas para praticar. Em seu ensaio de orientação para novos escritores, *Furor Scribendi* (1993), ela defende que o primeiro passo para a escrita é a leitura, então seu primeiro conselho é:

"Leia. Leia sobre arte, artesanato e o negócio da escrita. Leia o tipo de obra que você gostaria de escrever. Leia boa e má literatura, ficção e realidade. Leia todos os dias e aprenda com o que leu".

Octavia Butler dizia não acreditar em inspiração e talento, mas sim na força do hábito. Assim como defendia que o aprendizado é algo contínuo. Ela se denominava essencialmente como romancista e dizia odiar escrever contos, mas mesmo assim continuava a escrever enfrentando seu desespero e frustração, tendo como resultado dessa perseverança, vez ou outra, um “conto de verdade”.

- É importante situar a turma sobre o contexto histórico no qual Octavia Butler escreveu, lembrando que era o auge da segregação racial nos EUA. Para saber mais sobre o tema, acesse: [Entenda o que foram as Leis Jim Crow nos Estados Unidos | Politize!](https://www.politize.com.br/leis-jim-crow/)⁵.

⁵ Disponível no link: <https://www.politize.com.br/leis-jim-crow/>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

- Para mais informações, você pode acessar esta matéria publicada no portal da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que inclui uma entrevista em áudio com o escritor e pesquisador Waldson Souza sobre a escritora: [UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - 75 anos de Octavia E. Butler, a “grande dama da ficção científica”](#)⁶.
- Se for viável, você pode exibir o vídeo [OCTAVIA BUTLER E SUAS OBRAS](#)⁷, do canal Omeleteve.

O vídeo a seguir apresenta um pouco das características literárias de Butler, além de informações sobre sua vida. Embora o áudio esteja em inglês, é possível ativar as legendas em português. Se possível, exiba-o para a turma.

[Why should you read sci-fi superstar Octavia E. Butler?](#)⁸ (tradução livre: Por que você deve ler a dama da ficção científica Octavia E. Butler?)

Roteiro: Ayana Jamieson e Moya Bailey | Direção: Tomás Pichardo-Espaillet (4 min 14 seg)

2ª Etapa: Conhecendo os “sons da fala” (1 aula)

Objetivo:

- Propiciar a primeira conexão da turma com o texto a partir da leitura em grupos.

Atividades:

1. Divida a sala em grupos. Entregue para cada grupo **uma cópia do trecho inicial do conto “Sons da fala” (sugestão: da página 1 até a 4)**, para que, em um primeiro momento, seja feita uma leitura coletiva do conto. Ao final da leitura, peça que conversem entre si sobre as impressões.

Caso a turma tenha acesso a tablet/computador, disponibilize o [texto](#)⁹ integralmente para que possam seguir a leitura em casa.

⁶ Disponível no link:

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/75-anos-de-octavia-e-butler-a-grande-dama-da-ficcao-cientifica>

⁷ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=d9CzyZCZrgE>

⁸ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=X6YI8lsjJJA>

⁹ Disponível no link:

<https://viewer.iomag.com/projeto-c%C3%A1psula-sons-da-fala-octavia-e-butler/0561402001568660208>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

Peça que cada grupo defina uma ou duas pessoas responsáveis por registrar e, em seguida, compartilhar com a turma os pontos que chamaram atenção. Como o conto escolhido é cheio de nuances, detalhes subentendidos, pode ser interessante uma primeira leitura livre, observando com atenção quais são os pontos destacados pelos grupos.



O conto "Sons da fala" foi publicado originalmente no livro "Filhos de sangue e outras histórias". Imagem retirada do site da editora Morro Branco.

2. Instigue o grupo a partir de algumas questões sobre a situação inicial da narrativa:

- *Por que vocês imaginam que começou a confusão?*
- *Por que vocês acham que as pessoas não interviram?*
- *Para descrever os sons emitidos pelas personagens, a autora utiliza verbos como "guinchavam", "urravam", "soltavam ruídos"... que sensação essa escolha lexical transmite?*
- *Por que vocês imaginam que ela escolheu estas palavras?*
- *Qual é a principal característica dessas personagens?*
- *Quais são os elementos que compõem esta obra? Ex.: enredo, personagens, espaço, tempo e narrador.*

É importante que, ao final desta aula, o grupo compreenda de que maneira as informações apresentadas constroem a situação inicial do conto.



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

3. Levante hipóteses entre os grupos sobre o que imaginam ser os próximos acontecimentos da narrativa.

3ª Etapa: O enredo afrofuturista de Octavia Butler (1 a 2 aulas)

Objetivos:

- Apresentar o conceito “**Distopia**” e “**Afrofuturismo**”, conectando-os com os elementos da narrativa.
- Dar continuidade à leitura do conto, a partir da estratégia de leitura protocolada.

Atividades:

1. Comece a aula retomando oralmente a leitura da aula anterior: *do que se lembram?*

Talvez alguém já tenha compreendido e compartilhado a hipótese de que as personagens do conto não podem falar. Se tiverem, pergunte que relação a ausência de fala pode ter com o comportamento violento de parte das personagens ou com a situação de destruição que acometeu a cidade.

Caso ninguém tenha falado sobre isso, questione sobre que fator pode ter levado as personagens a se comportarem de maneira tão agressiva no ônibus, local onde se desenrola a situação inicial do conto.

2. Apresente para a turma o conceito de [distopia](#)¹⁰. Reflita sobre o mundo distópico apresentado pela autora e sobre quais elementos nos transmitem a sensação de destruição, animalização, autoritarismo e opressão que compõem este universo.

A ideia de um vírus que assola a população, leva à destruição das cidades e, aos poucos, à perda da humanidade, ao mesmo tempo que parece ser muito distante, possui fortes conexões com o que vivemos em 2020. Busque traçar associações que permitam a compreensão de sua turma, reforçando a noção de verossimilhança presente na narrativa.

Busque também dialogar sobre o cenário de violência apresentado e de que maneira ele se aproxima do nosso cotidiano.

¹⁰ Disponível no link:

<https://tab.uol.com.br/faq/um-mundo-de-sofrimento-e-autoritarismo-o-que-e-uma-distopia.htm>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

3. Em seguida, retome elementos já apresentados sobre a autora Octavia Butler e sua proposta literária. Conhecida como a Dama da Ficção Científica, Octavia foi uma das primeiras pessoas a propor o que hoje conhecemos como [Afrofuturismo](#)¹¹. Este é um conceito importante na contemporaneidade e bastante presente na cultura pop – um exemplo são os filmes do herói Pantera Negra.

A partir daí, reintroduza a narrativa e siga a leitura. A leitura em voz alta pode ser um bom caminho de aproximação da turma com a literatura de Octavia. Embora o conto não seja tão curto, vale a pena separar duas aulas para realizar a leitura integral da obra em sala de aula, aproveitando para ressaltar aspectos importantes durante a leitura.

Leitura protocolada

A ‘leitura protocolada’ é uma estratégia interessante: a partir de perguntas feitas durante a leitura, suscitamos a **inferência** e estimulamos a turma a **acionar seus repertórios prévios**, articulando com as informações extraídas do texto.

Essa estratégia contempla a **habilidade EF69LP44 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, que consiste em “inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.”

Assim, as alunas e os alunos aprendem, aos poucos, a ler as diferentes camadas do texto, expandido a compreensão de seus sentidos.

Leia mais sobre a leitura protocolada no artigo *"Ensinar leitura lendo"**, de Magda Soares, publicado na edição nº 22 da Revista na Ponta do Lápis.

*Este texto está disponível integralmente como **ANEXO** ao final desta publicação.

4. **A leitura recomeça a partir da página 5 e pode seguir até a página 21.** Faça pausas para estimular a atenção e a compreensão:

- *O que pode ter acontecido para que as pessoas deixassem de falar?*
- *Que estratégia as personagens usam para apresentar seus nomes?*

¹¹ Disponível no link:

<https://www.fundacaotelefonicaativo.org.br/noticias/afrofuturismo-o-que-e-o-movimento-e-como-esta-r-epresentado/>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

- *Qual a relação entre a violência e a incapacidade de falar?*
- *Qual é a importância da arma de fogo para Rye?*
- *Por que Rye fica com tanta raiva quando descobre que Obsidian sabia ler?*
- *Qual era o medo de Rye ao se envolver com Obsidian?*
- *O que Rye buscava em Pasadena? Por que ela desiste de ir para lá?*

5. Levante hipóteses sobre como imaginam que o conto terminará, ou seja, sobre como será seu desfecho.

4ª Etapa: O desfecho da fala (1 a 2 aulas)

Objetivos:

- Concluir a leitura protocolada.
- Aprofundar as reflexões sobre a trama.

Atividades:

1. Retome a leitura da aula anterior, levantando os principais pontos abordados até então. Hoje, o objetivo é concluir a leitura do conto “Sons da fala”. **Leia, seguindo a estratégia da leitura protocolada, as páginas 22 a 28.**

2. Peça que, durante a sua leitura, mantenham em mãos o caderno e a caneta, a fim de registrarem pontos que chamem a atenção.

Lembre-se de fazer pausas para instigar a leitura a partir de questões:

- *O que possivelmente aconteceu entre a mulher e o homem que estavam correndo na rua?*
- *Por que Obsidian decide parar?*
- *Que sentimento predominou em Rye quando ela percebe o que aconteceu com Obsidian?*
- *Por que Rye cogita não levar as crianças?*
- *Por que uma das crianças diz que a outra não deve falar?*
- *Qual é a hipótese de Rye com relação ao que motivou a briga entre o homem e a mulher?*
- *Para ela, esta raiva que moveu o homem é algo distante e incompreensível ou é um sentimento partilhado por ela em alguns momentos?*



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

- *O que permite o vínculo entre Rye e as crianças?*

5ª Etapa: A escola que sonhamos (1 a 2 aulas)

Objetivos:

- Refletir sobre a violência escolar a partir da leitura do conto “*Sons da fala*” da Octavia Butler.
- Dialogar sobre a escola que sonhamos e de que maneira a violência tem nos impedido de construí-la.

Atividades:

1. Durante a leitura, muitos aspectos já devem ter sido debatidos, então vale adaptar as questões deste encontro, considerando que o objetivo é aprofundar as reflexões sobre a falta de comunicação e a violência, aproximando do contexto escolar.

Se for viável, você pode realizar esta conversa fora da sala de aula. Escolha um ambiente agradável e acolhedor. Pode ser a sala de leitura, o pátio ou a quadra. O principal é que a turma se sinta envolvida.

Retome coletivamente a narrativa. Busque lembrar aspectos centrais do conto, como personagens, principais acontecimentos, desfecho...

2. Em seguida, instigue o grupo a partir de algumas questões sobre a narrativa:

- *Como a autora aborda a questão da linguagem e da comunicação no conto?*
- *Qual é o papel dos "Sons da Fala" na história e como isso reflete a mensagem mais ampla do conto?*
- *De que maneira o conto aborda questões de poder e opressão em relação à linguagem?*
- *Como as personagens principais do conto lidam com os desafios de se comunicar em um mundo onde a linguagem é restrita ou controlada?*
- *Existe alguma conexão entre o contexto apresentado, em que a dificuldade de comunicação instiga a violência, e situações presentes no ambiente escolar? Qual?*
- *Quais são os paralelos entre a restrição da linguagem no conto e as restrições culturais e sociais que podem contribuir para a violência escolar no Brasil?*



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

- *Como as personagens do conto resistem às restrições de comunicação, e de que maneira essa resistência pode ser relacionada à necessidade de fortalecimento e defesa dos direitos de estudantes no ambiente escolar?*
- *De que forma os rumos da narrativa podem servir de inspiração para lidarmos com situações de violência escolar no Brasil?*

Este não é um debate simples e pode tocar em pontos sensíveis para a turma. A violência pode atravessar a vida de cada estudante de maneiras muito diferentes, então é importante que o debate seja realizado de maneira acolhedora. O objetivo não é aprofundar em questões individuais, mas sabemos que muitas vezes isso foge do nosso controle, então busque manter a calma e, previamente, já conversar com a equipe gestora sobre o trabalho que será feito. Assim, caso seja necessário, outras pessoas da escola podem apoiar no acolhimento.

A violência pode ser encarada como antônimo do sonho. Quando estudantes sofrem qualquer tipo de opressão, suas aspirações, expectativas, esperanças também são violentadas. Por outro lado, é também o sonho que é capaz de romper com a lógica violenta.

- *Com que escolas sonhamos? De que maneira é possível construí-la?*
- *O que nos impede hoje de vivermos a escola que sonhamos?*
- *De que maneira a violência tem atrapalhado nossos sonhos?*

3. Para finalizar, se possível, exiba o vídeo-clipê “Sonho”, de Renan Inquérito e dialogue sobre com a turma.

[INQUÉRITO | Sonhos \(Clípe oficial\)](#)¹²

Direção: Levi Riera Vatauvuk | Direção de Fotografia: Leo Kawabe | Produção Musical: Pop Black (5 min, Brasil)

Aqui estão algumas questões que podem ser abordadas em relação a essa música:

- *Qual é a mensagem principal transmitida pela letra da música "Sonhos" de Inquérito e como essa mensagem reflete as realidades sociais e culturais do Brasil?*
- *Como Inquérito utiliza elementos musicais e líricos na música "Sonhos" para transmitir uma mensagem de esperança e resistência em face de desafios sociais e políticos?*

¹² Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=WZ-q4MdCiIA>



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

- *De que maneira as experiências e desafios apresentados na música se relacionam com questões contemporâneas e desafios enfrentados por jovens no Brasil?*
- *Como as escolhas líricas e musicais da música contribuem para a construção de um discurso sobre justiça social, igualdade e oportunidades para os jovens no Brasil?*
- *Quais são os valores e ideais promovidos na música “Sonhos” que podem inspirar ações e mudanças positivas na sociedade brasileira, especialmente no contexto da juventude e das comunidades periféricas?*

Para a escola

Este conto pode promover debates entre diferentes grupos, inclusive, pode ser utilizado nos momentos de formação docente. Além disso, vale compartilhar com a gestão escolar esta cartilha produzida pelo MEC, que apresenta estratégias de promoção de segurança na escola:

[ESCOLA SEGURA – Como lidar com conteúdos de violência online e conversar com crianças e jovens sobre o tema](#)¹³.

Bibliografia

BRASIL. Ministério da Educação. Cartilha: Escola segura: Como lidar com conteúdos de violência online e conversar com crianças e jovens sobre o tema. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_escola_segura.pdf. Acesso em: 21/05/2024.

BUTLER, Octavia Estelle. *Kindred: Laços de Sangue*. Tradução: Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

¹³ Disponível no link:

https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_escola_segura.pdf



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

_____. Sons da fala. In: *Filhos de sangue e outras histórias*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019. Disponível em: <https://viewer.joomag.com/projeto-c%C3%A1psula-sons-da-fala-octavia-e-butler/0561402001568660208/p2?short&>. Acesso em: 21/05/2024.

REY, Beatriz R. Vence: Entenda o que foram as Leis Jim Crow nos Estados Unidos, Politize, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/leis-jim-crow/>. Acesso em: 21/05/2024.

75 anos de Octavia E. Butler, a "grande dama da ficção científica", Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/75-anos-de-octavia-e-butler-a-grande-dama-da-ficcao-cientifica>. Acesso em: 21/05/2024.

Sobre as autoras:

Eduarda Rodrigues é graduada em História pela Universidade Nove de Julho e Educadora Social pelo Senac. Escritora com textos publicados nas coletâneas “Narrativas Periféricas: entre pontes e saberes plurais” (2020), “Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras” (2021), “Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias” (2022) e “Micro-uai!” (2023). Em 2023, lançou seu primeiro livro de contos, intitulado “Pedras de Malacacheta”, através da Editora Mondru. Atualmente, Eduarda é graduanda do curso de Letras Português/Francês na Universidade de São Paulo.

Lara Rocha é mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na área de Literatura Afrobrasileira e Educação Antirracista, e gestora da área de Educação do CEERT. Foi professora de Língua Portuguesa e Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de São Paulo. Além disso, foi por 10 anos coordenadora pedagógica e educadora no Cursinho Popular Florestan Fernandes. Participou da concepção e execução do Projeto Travessia - Remição de pena através da leitura na Penitenciária Feminina da Capital. Atua também como consultora sobre Educação e Diversidade em instituições privadas e do terceiro setor.



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

ANEXO

Aqui você encontra o artigo indicado na 3ª Etapa: *O enredo afrofuturista de Octavia Butler* da sequência didática **Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura**.

Ensinar leitura lendo

[Uma estratégia que estimula a leitura em camadas, selecionando e parando em trechos específicos da história, de modo a provocar a curiosidade e a análise do leitor durante o próprio ato de ler.]

Magda Soares

É papel da escola – de acordo com a pesquisadora da área da linguagem Magda Soares – democratizar o acesso e ampliar o convívio com múltiplas situações e intenções de leituras. O leitor é diferente a cada prática leitora. São inúmeros os gestos, os modos de ler, sempre atrelados ao objetivo da leitura. Ler silenciosamente, em voz alta, rapidamente, sublinhar o texto, anotar nas bordas das páginas, deter-se às imagens e apelos visuais, ler nas entrelinhas, aprofundar, reler quando surgem dúvidas.

O desafio é materializar – no cenário da sala de aula – a leitura como construção ativa do aluno: interação do leitor com o que diz o autor sobre determinado assunto, tendo o professor como mediador desse processo.

Nesse espaço de diálogo sobre o ensino de língua, relembramos uma estratégia de leitura que pode contribuir para o leitor pouco experiente monitorar sua compreensão: a leitura protocolada, também chamada de “pausa protocolada”. O professor, por meio de uma série de perguntas, provoca o estudante a fazer previsões e checá-las; a articular o repertório prévio – aquilo que já sabe – com as informações do texto; a compreender e refletir sobre o que foi lido. Assim, o jovem leitor atento aos recursos empregados, aos modos de dizer próprios de cada autor, aprende a ler as diversas camadas do texto, ampliando a compreensão do sentido.

Os textos enigmáticos, de suspense e os com finais surpreendentes são os mais indicados para essa estratégia, pois aguçam a curiosidade e fixam o leitor logo nas primeiras linhas da história.

Convidamos você, professor, a viver essa experiência.

Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.

Magda Soares¹⁴

■ Preparo da leitura

Planeje, com base no conhecimento do ritmo de aprendizagem e do interesse de seus alunos, o número de aulas e os recursos necessários para desenvolver a leitura protocolada. Procure ensaiar o modo de ler com leitura em voz alta, modulação da voz, gestos, expressão facial, interpretação e movimentos, conjunto de ações decisivas na conquista do leitor.

Defina previamente onde serão feitas as pausas, de preferência depois da introdução de algum elemento novo no texto – um lugar, uma personagem, um problema –, ou em trechos que antecedem alguma revelação. No decorrer da leitura, um recurso valioso é o professor ter em mãos o próprio suporte – neste caso, o livro e o dicionário. Exemplos que poderão circular pela sala de aula após a leitura. Explique aos estudantes como será o trabalho, ressaltando a importância dos turnos de **fala** e **escuta** para melhor aproveitamento da leitura.

■ Vamos começar

Provoque o interesse apresentando o título do texto. Você pode escrevê-lo na lousa, em uma tira de papel ou na lâmina de *PowerPoint*, caso sua escola disponha de *Datashow*.



¹⁴ Magda Soares. “Introdução: ler, verbo transitivo”, in: Aparecida paiva; Aracy Martins; graça paulino, Zélia Versiani (orgs.). *Leituras literárias, discursivos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

Pergunte aos alunos:

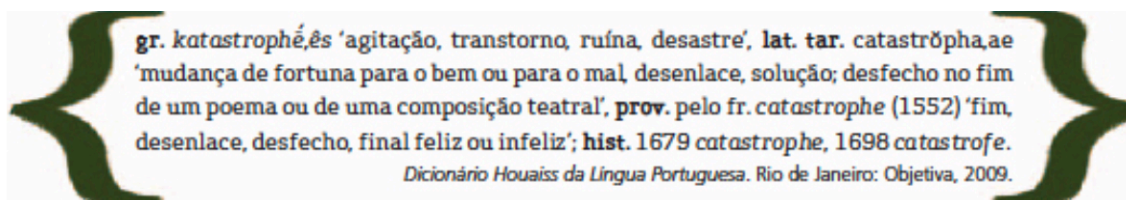
O que o título do texto sugere?

Lembra alguma imagem?

Qual?

Convida à leitura?

Anote as hipóteses levantadas pela turma. Esquente um pouco mais a conversa lendo a etimologia da palavra catástrofe no dicionário.



Na opinião de vocês, Catástrofe é um bom título?

Para qual gênero de texto?

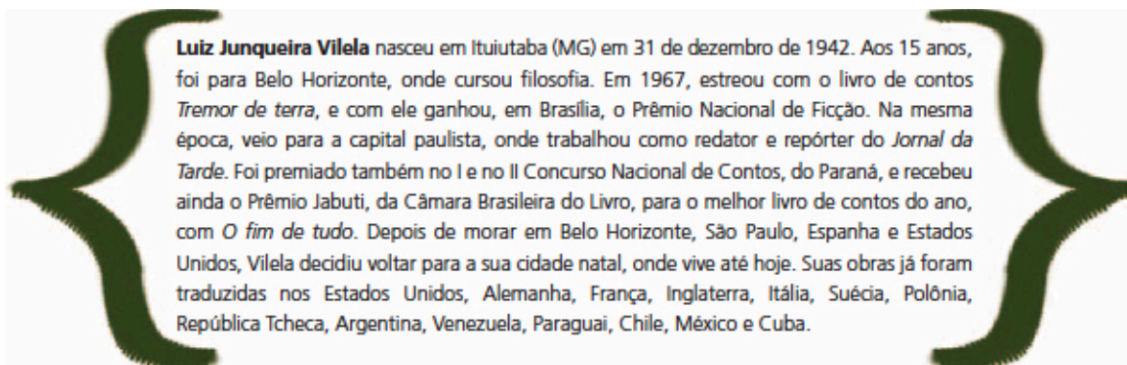
Onde foi publicado?

Espera-se que os alunos indiquem vários gêneros: crônica, conto, poema, artigo de opinião, editorial, manchete... Boa oportunidade para saber se a turma tem familiaridade com a leitura de diversos gêneros textuais, a finalidade de cada um deles e os suportes em que são veiculados.

Informe o nome do autor do conto: Luiz Junqueira Vilela. Pergunte aos alunos se conhecem o escritor, se já leram algum livro dele?

Conhecer a história de vida, a formação, o trabalho, a obra, o período em que o texto foi escrito traduz a cultura de uma época e ajuda o leitor a compreender o modo de narrar do autor.

Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura



Vídeo: Luiz Vilela – Encontros de Interrogação (2011)

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=yDqW1bp9MJA>

Envolve os estudantes no clima da história; informe que o conto “Catástrofe”, de Luiz Junqueira Vilela, foi publicado no livro *A cabeça* (São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 87-92). Aqui, o conto será dividido em seis trechos para o exercício de leitura protocolada. O vídeo abaixo, produzido pela equipe da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, pode ajudar para a realização dessa atividade, a partir da audição de uma leitura dramática do conto “Catástrofe”. Ao longo do exercício, indicaremos os períodos de tempo do vídeo correspondentes a cada um dos trechos do texto a serem trabalhados.

Vídeo: “Catástrofe”, de Luiz Vilela

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=FBMbb1dRA4Q>

■ Esmiuçar a leitura

Leia em voz alta ou ouça o primeiro trecho do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 0'00" e 0'37".

Pare a leitura e pergunte aos alunos:

Pelo início do diálogo das personagens, como a conversa continuaria?

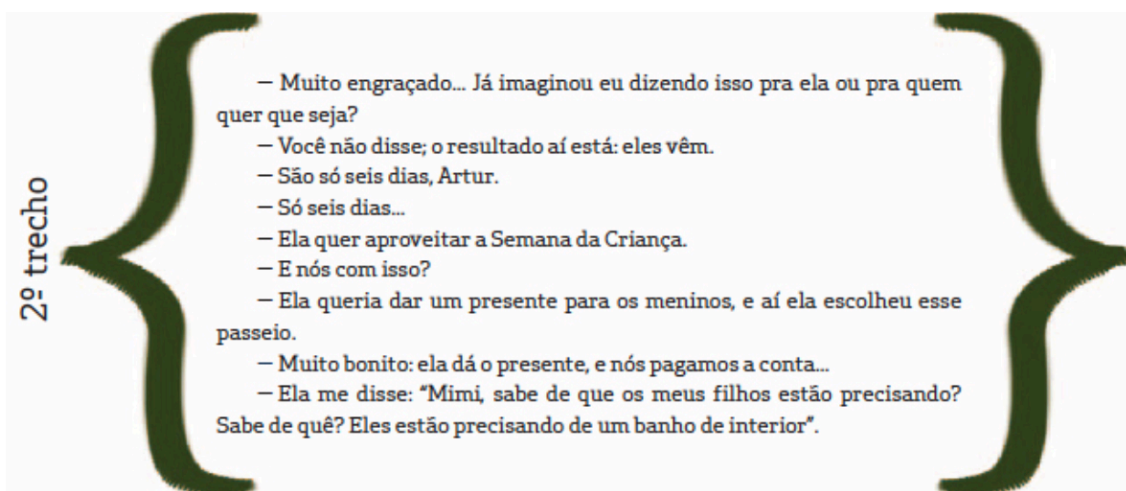


Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

Dá para imaginar como são as personagens?

Ouçã com atenção as antecipações dos alunos. Verifique se alguma previsão se aproximou do texto do autor. Valorize as respostas plausíveis que evidenciem que o ouvinte-leitor está acompanhando a trama.

Retome a leitura ou a audição. Na sequência o **segundo trecho** do texto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 0'37" e 1'03".



Outra parada na leitura e novas perguntas:

Quem são Mimi e Artur?

Como o autor caracteriza essas personagens?

Em que cenário se dá esse diálogo?

Qual é o passeio que os meninos tanto precisam?

Quem se arrisca a dizer?

Registre as projeções a respeito do que pode vir a acontecer. Pergunte aos alunos que caminho foi feito para levantar as hipóteses. Confira a compatibilidade das previsões e dê oportunidade para reformulação das previsões apresentadas.

Continue a leitura ou a audição do texto, destacando o **terceiro trecho** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 1'03" e 2'14".

Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

3º trecho

- Se depender de mim, eles vão ter é um banho de sangue.
- "Você acredita, Mimi, você acredita que até hoje alguns dos meus meninos nunca viram uma galinha de verdade?"
- Por que eles não vão a uma granja? Perto de São Paulo existem dezenas.
- Ah, Artur; você sabe que não é isso.
- Então é o quê?
- Você sabe que... É como a Dininha disse: "Uma galinha passando na rua, os pintinhos atrás..."
- Galinha passando na rua...
- "A galinha ciscando..."
- Essa sua amiga é maluca...
- São essas coisas, entende? São essas coisas que ela quer...
- É maluca sua amiga.
- Não, maluca ela não é, não.
- Começa pelos filhos. Ou melhor: por ter filhos, já que ter filhos é um ato de insanidade mental.
- Ter filhos é um ato de amor, Artur.
- Os ratos que o digam.
- Ter filhos...
- Já começa por aí, por ter filhos; agora, ter sete, sete filhos: isso é a própria loucura.
- Por quê?
- Porque é.
- Eu não acho.
- E os nomes? Os nomes dos moleques...
- O que é que tem os nomes?
- Repete aí pra mim...
- Pra quê?
- Repete...
- Dagoberto, Delmiro, Dilermando, Donato, Durango, Dorval e Durval.
- Santa Maria...
- Os dois últimos são gêmeos.
- Bem feito. Deus castiga.
- Eu tenho muito dó da Dininha; muito. Já pensou, ser abandonada nova ainda, com sete filhos pequenos? ...

Mais uma pausa para perguntas:

Neste conto, o que chama a atenção do leitor?

Por que Artur está tenso?

Como é o tom do diálogo entre Mimi e Artur?

O casal está brigando?

Qual o motivo de Mimi sentir dó da Dininha?

Será o número de filhos, os nomes estranhos dos moleques?



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

À medida que a leitura avança, antes de fazer a suposição, é fundamental retomar as informações contidas no texto para que se possa, neste caso, desvendar o dó que Mimi tem de Dininha.

Depois de acolher e organizar as ideias apresentadas pelos alunos, o professor pode chamar a atenção para a simplicidade, precisão, ironia e humor presentes no diálogo do escritor, antes de prosseguir a leitura ou a audição do que chamamos **quarto trecho** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 2'14" e 3'10".

4º trecho

- Eu imagino o cara: um dia ele olhou ao redor, viu aquele bando de meninos e aí pensou: “Meu Deus, o que é que eu fiz?...”. Pegou então a maleta, saiu de fininho e caiu no mato.
- Além do mais, a Dininha foi minha amiga de infância, minha melhor amiga. É um jeito de eu agora ajudá-la; de nós dois a ajudarmos.
- Ajudar...
- O que é hospedar por alguns dias uma família?
- Isso não é uma família, é uma horda.
- Nossa casa é grande; nós temos recursos, felizmente...
- O problema não é esse, Mimi; o problema nem é a nossa paz, que eles vão perturbar.
- Então qual é o problema?
- O problema é que eles vão acabar com tudo!
- Acabar com tudo como?...
- Acabar com tudo, tudo o que tem aqui: acabar com os quadros, com as esculturas, os tapetes, as orquídeas, os bichos; eles vão acabar com tudo!
- Como você pode dizer isso, se você nem conhece os meninos, Artur?
- É preciso?
- Você nem sabe como eles são.
- É uma equação, Mimi; uma equação matemática.
- Equação...

Mais uma pausa e outras provocações:

O que tanto preocupa Artur?

Por que Artur usa o substantivo “horda” quando se refere à família de Dininha?

Será que a equação está relacionada com a guarda dos valiosos bens do casal?

Que pistas o conto oferece para você descobrir qual é a equação?

Confira se as antecipações apresentadas são compatíveis com o sentido, a progressão do texto, e se os estudantes buscam outros textos para justificar as previsões.



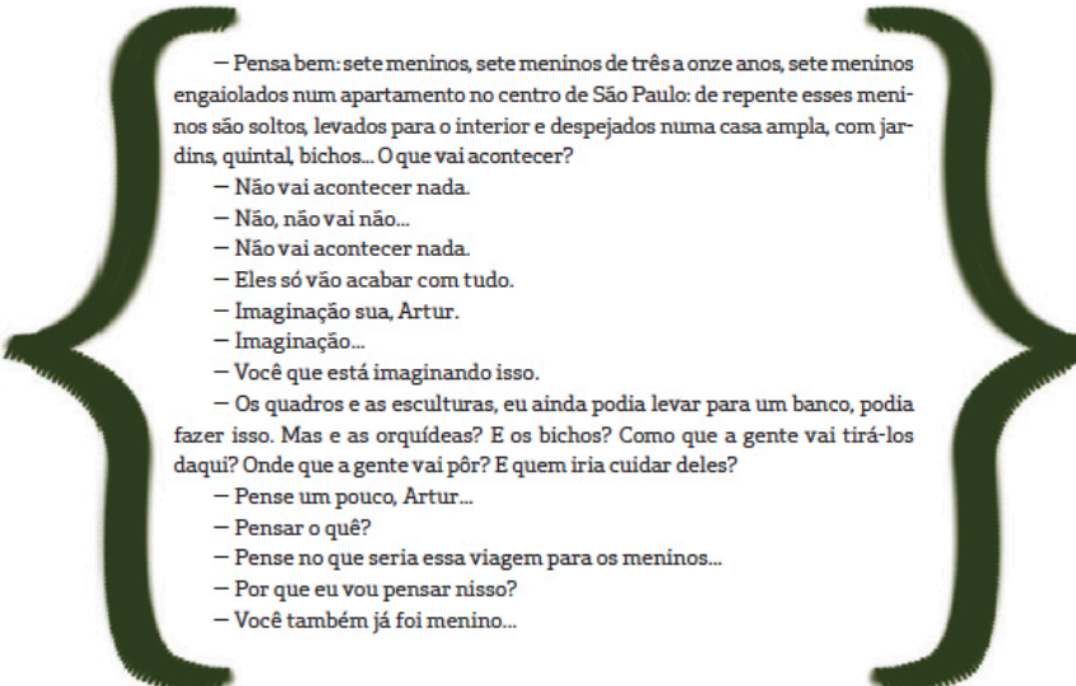
Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

É comum a dispersão da turma em algumas situações de leitura, como em trechos longos, complexos, polêmicos. Se isso ocorrer, retome a leitura prestando atenção aos modos de ler: entonação, velocidade, expressividade, evitando tom único, monótono.

Lembrete: o foco do trabalho é a leitura; portanto, explore bem a compreensão leitora, evitando usar essa atividade como pretexto para uma proposta de escrita.

Dê continuidade à leitura ou à audição, agora do nosso **quinto trecho** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 3'10" e 3'56".

5º trecho



- Pensa bem: sete meninos, sete meninos de três a onze anos, sete meninos engaiolados num apartamento no centro de São Paulo: de repente esses meninos são soltos, levados para o interior e despejados numa casa ampla, com jardins, quintal, bichos... O que vai acontecer?
- Não vai acontecer nada.
- Não, não vai não...
- Não vai acontecer nada.
- Eles só vão acabar com tudo.
- Imaginação sua, Artur.
- Imaginação...
- Você que está imaginando isso.
- Os quadros e as esculturas, eu ainda podia levar para um banco, podia fazer isso. Mas e as orquídeas? E os bichos? Como que a gente vai tirá-los daqui? Onde que a gente vai pôr? E quem iria cuidar deles?
- Pense um pouco, Artur...
- Pensar o quê?
- Pense no que seria essa viagem para os meninos...
- Por que eu vou pensar nisso?
- Você também já foi menino...

Outra parada e mais perguntas:

Dá para imaginar o Artur menino?

Onde vivia?

O que fazia?

Como o texto se aproxima do final, aproveite as inferências apresentadas para rememorar os diálogos curiosos, buscar indícios que apontem como o autor vai encerrar

Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

o conto. Desafie o grupo a prever como terminará o diálogo do casal Artur e Mimi, não esquecendo que o título do texto é **Catástrofe**.

Recupere com os alunos o conteúdo dos diálogos. Peça-lhes que observem se travam embates, se mostram a realidade, o cotidiano do convívio humano. Em seguida, pergunte quais deles têm mais chance de se aproximar do que foi escrito pelo autor.

Leia ou ouça o **trecho final** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 3'56" e 4'55".

6º trecho

- Já, já fui, e dou graças por não ter sido menino de capital e por nunca ter morado em apartamento; e, se mais alguma coisa preciso acrescentar, por ter visto galinhas desde pequeno.
- Você também já foi filho...
- Fui, embora não exatamente por minha vontade. Mas, de qualquer forma, posso dizer que ter sido filho foi, pela mãe que eu tive, a melhor coisa de minha vida.
- Então? A Dininha também está querendo ser uma boa mãe para os filhos dela.
- Filhos...
- O quê?
- Para que filhos?...
- Para quê?...
- Será que não vão um dia parar com essa bobagem?
- Se parar, a humanidade acaba.
- Alguma objeção?
- Se não fossem os filhos, uma hora dessas nós dois não estaríamos aqui.
- Nem estaria essa debiloide nos ameaçando com essas sete pragas, com essa catástrofe.
- Bom: nós já falamos muito.
- Já.
- Vamos encerrar?
- Vamos.
- Eu não vou fazer nada.
- Não.
- Eles vêm.
- É.
- Eu até já vou comprar uma lata de biscoitos.
- E eu uma caixa de balas.
- Balas? Você?...
- Balas de revólver, my dear.

■ Ponto, quase final, da leitura

A leitura não se esgota, continua na voz dos estudantes: O que mais chamou a atenção e surpreendeu você na leitura do conto? Concordam ou discordam da posição do autor? Gostaram do desenrolar da trama? Tudo o que devia ser dito no diálogo foi dito? O que têm a dizer sobre o desfecho?



Leitura literária: debatendo a violência nas escolas por meio da literatura

Impressões, críticas, informações, tomada de posição, avaliação da narrativa lida e da estratégia utilizada são bem-vindas.

Fonte:

Artigo publicado originalmente na Revista Na Ponta do Lápis (ano IX – número 22, agosto de 2013) – As práticas de leitura e escrita em nosso tempo. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/16/as-praticas-de-leitura-e-escrita-em-nosso-tempo>.